

Título Hardware Seda
Data 2012
Publicação RIBEIRO, José Augusto. *Hardware Seda*. São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2012.
(texto de exposição)

Autor José Augusto Ribeiro
Artista Jac Leirner

Hardware Seda

Não se trata de insistir na pergunta sobre o que pode ser arte, com materiais recolhidos fora do âmbito da estética. Mas trata-se de interrogar sobre o que a arte pode ser, enquanto instância autônoma em relacionamento com os diversos limites sociais. O trabalho incorpora os objetos que acumula tais como são, em suas propriedades físicas, corriqueiros, designados a uma finalidade específica, para oferecer a eles a chance de uma condição diferente, na participação de um pensamento plástico. A reunião e ordenação, agora, dessas dezenas de itens, dessas centenas de unidades (de procedências várias, no tempo e no espaço, e de redes de circulação de mercadorias também várias) conformam estruturas que se aproximam do repertório moderno da escultura, da pintura, do desenho. Ao mesmo tempo em que enfeixam, nas suas fileiras, índices de um complexo de atividades, tanto produtivas, pelo que as ferragens dão a imaginar, como improdutivas, pelo que sugerem, por exemplo, as sedas de cigarro e os cartões postais.

De cara, chama a atenção a linearidade dessas peças, a apresentação clara e direta de seus elementos e estruturas – na maioria das vezes, uma coisa só, elementos e estrutura. Definitivamente, não há núcleos, não há subterfúgios, apenas articulações e justaposições, todas explícitas, em plena exterioridade. Os gestos, as ações, por sua parte, se reduzem a um mínimo suficiente para o máximo deleite da confecção manual repetitiva, de atravessar o que tem furo por cabos, de passar os cabos por tubos, de conectar isso àquilo, de alinhar os congêneres, um a um, em sequência... O que torna redundante falar das pequenas coleções (que seja, de roscas de porca!) para dimensionar os níveis de compulsão e obsessão implicados no trabalho. Por isso, também, fica a impressão de que, mal são integrados à produção, os materiais já parecem excedentes. Não porque “sobrem”, ou coisa que o valha. Mas por serem a causa e o efeito de um prazeroso dispêndio de energia. No fim das contas, o resultado é preciso, enxuto, seco.

Rigorosamente comuns e discretamente exigentes, as peças dessa exposição fazem pensar que trivialidade e preciosidade se equivalem. Ao menos quando a admiração de objetos banais redundam, como aqui, numa admiração com esses mesmos objetos. Uma das características da obra é desfazer hierarquias e inverter valores. Sem temer a concomitância de ortogonalidade e ornamento, de simetria e incongruência, de apuro formal e crueza, sem medo de conjugar a impessoalidade das soluções com a entrega de referências individuais. Para ir mais longe, a sua conquista de austeridade e elegância se deve, em parte, a descidas ao que se costuma identificar pejorativamente como baixo, grosseiro, imediato. E nem poderia ser diferente: ambíguo, o trabalho situa-se nos extremos. Tensiona a sua linguagem até onde possa perturbar a ordem das categorias, dos registros, dos gostos, até onde possa incessantemente produzir e desmanchar sentidos. Apenas com formas e cores tão ordinárias quanto excepcionais, que, desapropriadas, já não são de qualquer um, são de todos.